

Aborda, na terceira parte, a organização da comunidade holandesa, mostrando o papel da Cooperativa Agropecuária de Holambra e da Igreja na estruturação dessa comunidade, havendo inclusive uma escola primária (Escola São Paulo), fundada pela Cooperativa, a qual congrega apenas filhos de holandeses.

Na quarta parte, o autor faz uma análise dos aspectos físicos da área escolhida para a fixação da colônia, focalizando os aspectos históricos relacionados à origem e evolução do núcleo colonial. Apresenta a carta de uso do solo; faz considerações em torno do calendário agrícola; estabelece ainda uma tipologia de povoamento, fazendo uma comparação entre Holambra e as áreas vizinhas.

Várias são as conclusões apresentadas pelo pesquisador, enfatizando, entre outros aspectos, a alta produtividade apresentada pela colônia; a necessidade de planejamento e assistência contínua num processo de colonização dirigida; o surgimento de um novo padrão de povoamento e nova tipologia de uso do solo na Média Depressão Paleozóica; o processo lento de aculturação devido ao isolamento do núcleo.

A obra é enriquecida por inúmeras tabelas, gráficos e referências bibliográficas após cada capítulo. — ADYR APPARECIDA BALASTRERI RODRIGUES

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DE SERGIPE — "Zona 7", publicação do Governo do Estado, pelo Conselho do Desenvolvimento Econômico de Sergipe. Aracaju, 1968. 147 páginas.

Já nos referimos, na resenha anterior ("Zona 6"), a respeito dos motivos que levaram o Governo do Estado de Sergipe a encomendar ao CONDESE (Conselho do Desenvolvimento Econômico de Sergipe) o levantamento sócio-econômico dos municípios do interior do Estado. Dando, assim, prosseguimento a estes estudos, sai à luz mais uma publicação desta lista, relativa agora à chamada "Zona 7", na qual estão incluídos os seguintes municípios:

— zona do Sertão do São Francisco:

Canindé do São Francisco
Gararu
Porto da Folha
Itabi
Poco Redondo
Nossa Senhora de Lurdes

— zona Oeste:

Feira Nova
Monte Alegre de Sergipe
Nossa Senhora da Glória.

Como se vê, a série destes dez municípios se divide entre duas zonas fisiográficas vizinhas, o Sertão e o Oeste. Como características gerais da zona do Sertão, podemos dizer que seu clima é bem mais seco que perto do litoral, sendo o rio S. Francisco o eixo ao longo do qual se concentra a população, aliás, pouco densa, vivendo sobretudo da pesca e das plantações de milho e mandioca. O arroz é cultivado nas margens do rio, e o algodão nos terrenos mais secos. A cultura deste último, e a criação de gado constituem as atividades econômicas mais características desta região situada em cheio dentro do polígono das secas. Quanto à região Oeste, onde estão localizados 3 dos municípios constantes nesta "Zona 7", se distingue do Sertão do S. Francisco pela sua pluviosidade média e regime litorâneo.

Como culturas sobressaem o algodão e os produtos básicos de subsistência: feijão, mandioca, milho. A densidade da população varia grandemente de um município para outro, coincidindo seus índices menores com a parte norte e mais seca do Estado.

Em caráter de súmula das características comuns pertinentes a estes 10 municípios da "Zona 7", encontramos no inicio desta publicação, sob o título "Aspectos Econômicos", uma série de dados bastante esclarecedores e interessantes. Assim, vemos que a população total desta zona é de 51.920 habitantes, representando 6% da população total do Estado. Dentro do Setor Primário, devido às adversidades climáticas, especialmente à falta e irregularidade das chuvas, a agricultura ocupa lugar insignificante, sendo a pecuária a principal fonte de renda destes municípios: o rebanho bovino, criado sobretudo de maneira extensiva, (isto é, solto na caatinga), representa 72% do valor total da população pecuária regional. Quanto ao setor secundário, com fraca significação no cômputo geral da produção, é representado sobretudo por pequenas indústrias de artefatos de argila, pelas casas de farinha de mandioca, pelas padarias, e demais indústrias rurais ou domésticas. Somente nos municípios de Gararu e Porto da Folha é que vamos encontrar duas usinas de beneficiamento de arroz, as mais importantes indústrias regionais. Referente ao Setor Terciário, diz o texto: "A compreensível existência de força de trabalho no setor primário, cuja produtividade é quase nula, está a indicar-nos a transferência progressiva de mão-de-obra para atividades pouco produtivas do setor terciário, gerando um aumento também progressivo, e substancial, do desemprego disfarçado neste último setor. As atividades comerciais contribuem majoritariamente para a formação da renda do setor terciário, que é o segundo, em importância, para a economia da Zona". (p. 5). Em relação à estrutura fundiária, presenciamos uma grande atomização dos imóveis rurais, o que contribui para o declínio da produção agrícola. Em 1967, existiam nada menos de 6.235 imóveis rurais, dos quais 5.306 possuíam menos de 100 hectares, representando quase 85% do total.

Após sistematizar essas informações gerais sobre os 10 Municípios desta Zona, encontramos na obra uma segunda unidade, dedicada à "Descrição Síntética" de cada município em particular. Com a finalidade de ilustrar como se estruturou tal descrição, e ao mesmo tempo com a finalidade de mostrar quão trágica é a situação desta região do Sertão Sergipano, vamos transcrever alguns dados a respeito do primeiro Município desta lista; escolhemos Canindé do S. Francisco pois pareceu-nos um dos mais representativos desta zona encravada nessa área problema que é o Polígono das Secas.

Município de Canindé do S. Francisco:

1) Aspectos Históricos:

No último quartel do século XVIII, nas terras do chefe indígena Pindaiba, foi fundada a Missão de São Pedro do Porto da Folha, sediada numa ilha de S. Pedro. Desta região foi desmembrado o município de Canindé do S. Francisco que fazia parte do Município do Porto da Folha, como distrito. Este município foi criado pela Lei n.º 525-A, de 25 de novembro de 1953. Sua história está ligada à da importante região do S. Francisco, que no inicio do século XVII começou a ser conhecida por Tomé da Rocha Malheiros, que obteve uma sesmaria de 10 léguas, partindo da serra da Tabanga, ponto inicial do povoamento, até Jacobá. Desconhece-se a data de instalação do município.

2) Situação Física:

Situado na Zona do Sertão do S. Francisco, limita com o município de Poço Redondo, e com o Estado da Bahia e Alagoas, separado pelo Rio S. Francisco. Sua

área é de 769 km², distando 160 km em linha reta da capital do Estado, e 225 por rodovia.

3) Situação Demográfica:

A população total de Canindé é de 1.840 habitantes (estimativa para 1968), sendo que na sede urbana vivem apenas 280 indivíduos, restando 1.460 para a zona rural. A taxa de crescimento da população total é de 1,28% ao ano, sendo de 0,04% para a zona urbana e de 0,72% para o campo. A densidade demográfica é de 2,3 habitantes por km².

4) Setores Econômicos básicos:

Recursos naturais: carvão natural, castanha de caju, dormentes, lenha, tucum, pedra calcária, pescados.

A agricultura é bastante fraca, devido sobretudo à escassez das chuvas. Não obstante encontramos a seguinte lista de produtos: abóbora, algodão, arroz, feijão, melancia, milho. Destas culturas, é o feijão a principal produção (380 t em 1964), seguindo-se o milho e o algodão. A produção total do município para 1964 foi de Cr\$ 48.200,00, tendo a zona produzido Cr\$ 1.629.656,00, e todo o Estado, Cr\$ 5.156.518,00.

Como dissemos, é a pecuária a principal fonte de renda de Canindé, tendo sido recenseados seus rebanhos (1966) na seguinte ordem:

bovinos — 7000 cabeças
cavaloares — 2780 cabeças
suínos — 3550 cabeças
ovinos — 9850 cabeças
caprinos — 9850 cabeças

Quanto ao abate de reses, registrou-se para o mesmo ano: 96 cabeças de bovinos, 356 de suínos, 780 de ovinos e 774 de caprinos, tendo sido a produção de derivados avaliada em Cr\$ 111.641,00.

Não existe no município indústrias significativas, tampouco estabelecimentos bancários. Os estabelecimentos comerciais — pequenas bodegas de secos e molhados são igualmente pouco significativos.

5) Aspectos Sociais:

Relativamente ao ensino e educação (1967), registrou-se a existência de 5 estabelecimentos de ensino primário (4 Estaduais e 1 Municipal), contando com 5 professores e 127 alunos matriculados. Não há nada a registrar sobre a assistência médico-sanitária.

6) Infra-Estrutura:

Não possui energia elétrica. Não possui sistema de abastecimento de água. Não possui rede de esgoto.

7) Finanças Públicas:

A receita arrecadada pelo Estado, no ano de 1967, foi da ordem de Cr\$ 10.506,00, tendo realizado uma despesa que atingiu os Cr\$ 14.311,25, apresentando assim um saldo negativo de Cr\$ 3.805,25.

8) Outros Aspectos do Município:

O Prefeito Municipal é o Sr. Ananias Ferreira dos Santos.

Segue ainda esta lista de assuntos, 5 quadros estatísticos sobre os seguintes temas: Efetivo e valor dos Rebanhos do Município (de 1962 a 1966); Quantidade e valor da produção dos seis principais produtos agrícolas do Município; Produção Estrativa Vegetal, Segundo os produtos, (de 1962 a 1966); Produção Florestal segundo as espécies; Receita arrecadada e Despesa realizada, pelo Estado, no Município (1962/1966).

Como se pode constatar, através deste exemplo de como se estruturou o "quadro sinótico" da análise de cada município desta Zona, a linha mestra se aproxima bastante da orientação seguida pela Encyclopédia dos Municípios Brasileiros. Contudo, essa publicação do CONDESE tem inegável valor, na medida em que as sumulas referentes à Zona como um todo, são altamente sugestivas e interessantes, além do fato de registrar, para cada município em particular, informações estatísticas e estimativas mais recentes e atualizadas, tiradas ora do IBGE, ora do IBRA ou do Departamento Estadual de Estatística.

Felicitamos ao CONDESE pela série publicação deste "Aspectos Sócio-Econômicos de Zona 7", aguardando que mais breve possível, seja completado o levantamento integral de todas as Zonas do Estado de Sergipe. — LUIZ MOTT.

MEDEIROS, W. — *Vento Nordeste: ensaio dialetológico*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970, 196 pp.

Baseado no romance *Vento Nordeste* de Perminio Asfora, o autor apresenta ao leitor interessado em problemas lingüísticos um estudo de dialetologia, com referência específica a aspectos peculiares da fala do nordestino brasileiro.

Como salienta na apresentação da sua obra, sua intenção é precipuamente voltada para a pesquisa linguística, não dando maior atenção aos problemas literários do romance *Vento Nordeste*. Natural daquelas plagas, o Prof. Walter Medelros trata da matéria completamente à vontade e com extrema segurança. Pela análise do seu trabalho, sentimos não só a familiaridade com a forma de expressão do nordestino, como também o completo conhecimento do seu modo de vida, da sua experiência, da sua cosmovisão.

No estudo realizado, primeiramente expõe o resumo do romance *Vento Nordeste*, para que os leitores possam intelir-se do assunto. *Vento Nordeste* é o drama do pobre, dentro da paisagem nordestina, por onde passam as paralelas de ferro da G.W.B.R. que descansam em longas esteiras de dormentes silenciosos. Nada esperavam da justiça. Juiz e escrivão eram apaniguados com os "coronéis" que também faziam eleger os delegados. Os soldados surravam os inconformados, matavam moradores renitentes que pretendiam fazer valer os seus direitos de propriedade. Com o objetivo de oferecer o contexto original, o autor insere as frases de Perminio Asfora como surgem no romance. Acreditamos residir, talvez, nesse aspecto, o critério mais feliz do seu método.

A seguir, principia propriamente o seu estudo, dividido em duas partes: fraseologia e glossário comentado. Contudo, dedica ainda alguns rápidos comentários ao exame estilístico da expressão nordestina. Considera dois tipos de frases para efeito do seu estudo. As primeiras expressam pensamentos completos, do tipo rimado ou proverbial, quase sempre com conteúdo da filosofia popular, tais como: "A vara entorta no rico e quebra no pobre", "Rua de valentão é cemitério", "Dinheiro compra tudo, até o céu", "Esmola grande cego desconfia", "O mundo ensina" etc.